

El Mayor Pequeño de D. Francisco Manuel de Melo e a lição de Quevedo

Maria Lucília Gonçalves Pires
Universidade de Lisboa

1. Em 1647 publica D. Francisco Manuel de Melo um pequeno livro que intitulou *El Mayor Pequeño. Vida y muerte del serafín humano Francisco de Assis*. É uma das muitas obras que D. Francisco escreve na prisão; e da sua elaboração, que segundo afirma lhe terá ocupado dois anos¹, vai dando notícias, ao longo do ano de 1646, a alguns dos destinatários das suas *Cartas familiares*². A primeira destas referências, em carta a um parente datada de 9/6/46, contrapõe um passado recente, em que os cuidados e pesares o impediram de escrever e o mergulharam em forçada ociosidade, ao presente, em que a escrita lhe serve de lenitivo: «Agora me vou desenfatiando com o meu S. Francisco, que certo bem necessário me é olhar para as vidas dos santos para sofrer esta que aqui me fazem levar os pecadores» (*CF*, p. 122). Poucos dias depois, a 26 de Junho, escreve ao mesmo destinatário: «Até com as escrituras de casa me vou muito mole mole. Contudo o Sam Francisco está em dous livros. E ainda que tão devagar, me parece que a este passo poderá este ano chegar à praça» (*CF*, p. 125). Em 20 de Agosto é ao padre Fr. Alexandre de Jesus que dá a notícia de que espera em breve tirar à luz «um Elogio, em que trabalh[a], da vida de S. Francisco» (*CF*, p. 130). E no dia 1 de Setembro diz a um amigo: «De mi não corre nova que vos diga, senão estar de propósito posto a acabar o nosso Santo no seu santo dia. Vai a obra de empreitada; muito me receio dela» (*CF*, p. 132). E é do dia de S. Francisco (4 de Outubro) desse mesmo ano que data a dedicatória do livro à Venerável Província da Arrábida, texto que virá a incluir na edição das suas *Cartas familiares*. O livro sairá alguns meses depois, já em 1647; terá segunda edição em 1650; e em 1664 o autor incluí-lo-á na edição conjunta das suas *Obras morales*.

Como caracterizar esta obra, em termos genológicos?

1. Informação constante do «Manifiesto al lector» que acompanha a primeira edição (Lisboa, por Manuel da Silva, 1647): «De lo que es mio te ofrezco el estudio de dos años, los pensamientos de muchas horas, las palabras de toda polida ponderación».

2. Edição utilizada: *Cartas familiares* (Prefácio e notas de Maria da Conceição Morais Sarmento), Lisboa, INCM, 1980.

Antes de mais, trata-se de uma vida de S. Francisco de Assis, um relato dos acontecimentos que marcaram o seu percurso biográfico. É, pois, uma narrativa de carácter histórico, cujas fontes de informação o autor indica explicitamente na carta-dedicatória à Província da Arrábida. E a sua principal fonte é, obviamente, a obra de Fr. Marcos de Lisboa, os dois primeiros livros da Primeira parte das suas *Crónicas da Ordem dos Frades Menores*³. Uma fonte que D. Francisco segue fielmente, embora resumindo, seleccionando e, em alguns casos, ampliando, o texto de Fr. Marcos. Uma outra fonte é referida pelo autor: a vida de S. Francisco composta em latim por Gaspar Barreiros (Fr. Francisco da Madre de Deus depois de ter ingressado na Ordem franciscana). Mas neste caso, como a obra desapareceu, não nos é possível avaliar em que medida terá contribuído para a elaboração do texto de D. Francisco.

Tratando-se do relato da vida de um santo, deparamos inevitavelmente com os tópicos que caracterizam o texto hagiográfico: apresentação do biografado como predestinado por Deus desde o seu nascimento (e há geralmente sinais dessa predestinação mesmo anteriores ao nascimento) e desenho do percurso biográfico como correspondência do servo de Deus ao especial chamamento de que foi alvo. Assim, as vidas de santos são sempre textos de exaltação do biografado e das suas virtudes; são textos de função edificante ao proporem o seu comportamento como modelo a seguir; são também textos de glorificação da grandeza de Deus que se manifesta nas virtudes heróicas dos seus santos.

No caso de *El Mayor Pequeño*, o autor, embora condicionado pelas características identificadoras do género e pelas fontes que utiliza, procura conferir ao seu texto um cunho algo diferente. Deste intuito de construir um texto com marcas próprias dão testemunho algumas observações suas, não só formuladas em textos preambulares, mas também dispersas ao longo da obra. A primeira destas observações encontramos-na no «Manifiesto al lector» que acompanha a primeira edição, em que declara:

(...) casi siempre, dejando las leys de historiador, sigo los terminos de la oratoria, interrumpiendo la narración con apostrofes, admiraciones y afectos. De tanta novedad viste su artificio quien desea tu utilidad⁴.

Contaminação de dois géneros portanto – história e oratória –, e a consciência de um desvio às normas do primeiro para dar lugar a processos discursivos mais próprios do segundo, de forma a construir um texto que, pela forma inovadora de apresentar a vida de um santo, melhor consiga captar a adesão dos leitores e assim contribuir para o seu aperfeiçoamento espiritual.

No corpo do texto, ao relatar algumas das maravilhas operadas pelo Santo, justifica assim as omissões a que procede:

Si, como Elogio, escrivieramos Cronica, illicito nos fuera olvidar algunas de sus maravillas. Agora es mayor cuydado de la pluma, atender lo que se ha de callar, que lo que se ha de decir⁵.

Assim, o autor reitera o seu objectivo de não se limitar a escrever um relato fiel dos acontecimentos da vida de S. Francisco, assumindo antes a atitude de um devoto que escreve em louvor

3. Fr. MARCOS DE LISBOA, *Crónicas da Ordem dos Frades Menores*, 3 volumes, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2001.

4. Este texto preambular intitulado «Manifiesto al lector» aparece apenas na primeira edição.

5. *El Mayor Pequeño*, in *Obras morales*, Roma, 1664, 163-164. Citamos o texto sempre por esta edição.

do santo da sua devoção. Por isso o seu texto, mais do que crónica, é elogio. A constante dimensão panegírica do texto, que chega frequentemente a assumir carácter hiperbólico, corresponde pois à declarada intenção do autor.

Mais tarde, ao proceder a uma revisão crítica das suas obras no *Hospital das letras*, fará dizer a Lípsio a propósito de *El Mayor Pequeño*:

Ouvi que, neste livro, vos arguiam de confuso para historiador e de afectado para moral; que, para livro de devoção, compreendia sobeja cultura e, para de relação, repreensível brevidade.

Ao que o Autor replica:

Confesso que nem fiz crónica nem solilóquios; mas, se notardes a omissão que há neste tempo em todas as diligências da virtude, vereis que, para conduzir a gente a qualquer leitura honesta, quanto mais piedosa, é necessário dourar-lhe a pírula como ao enfermo, ou adoçar-lhe o freio como ao potro, quando queremos curar o doente ou enfrear o cavalo⁶.

Estas observações de D. Francisco acerca desta sua obra destacam as suas características mais relevantes: um discurso essencialmente panegírico, numa acumulação barroca de processos laudatórios; uma insistente presença da voz do autor, interrompendo a cada passo o discurso narrativo com comentários subjectivos de natureza vária. A afirmação do autor de que não fez «crónica nem solilóquio» só pode significar que não se cingiu aos limites de cada um destes géneros, pois os associou, dando às observações pessoais um destaque insólito numa obra de sua natureza essencialmente narrativa. Mas são precisamente estes aspectos insólitos os mais importantes, os que conferem à obra um cunho de originalidade no tratamento de um assunto já tão abundantemente tratado.

Comecemos por analisar os comentários que no texto irrompem a cada passo, tentando sistematizá-los.

Encontramos comentários de natureza afectiva, manifestando admiração e deslumbramento perante as virtudes do biografado; comentários previsíveis, porque inerentes ao discurso panegírico da hagiografia. Igualmente decorrentes do género da obra são os comentários de carácter religioso, constituídos por observações acerca dos caminhos da virtude, observações que assumem muitas vezes a forma de ditames ou aforismos. Esta tendência aforismática concretiza-se também, e sobretudo, na enunciação de preceitos morais e de considerações filosóficas. E aqui encontramos o universo espiritual que por estes longos e dolorosos anos de prisão D. Francisco vai expressando em quase todas as suas obras: a visão desenganada da vida e da condição humana; a concepção do homem como ser de miséria intelectual e moral; a denúncia do mundo, principalmente dos centros de poder identificados com as cortes, como lugar de perigo, de malícia, de hipocrisia. Além destes, abundam os comentários de carácter político, quer sob a forma de censuras a situações consideradas condenáveis, quer sob a forma de ditames, normas de comportamento de acordo com as leis da razão e da justiça. Encontramos, assim, sentenças acerca da natureza do poder real; do que deve ser o comportamento dos reis, dos validos, dos ministros; das condições para uma espécie de «celestial gobierno» fundado na harmonia que só a virtude propicia.

De particular interesse para o leitor se revestem aqueles comentários em que são legíveis alusões autobiográficas mais ou menos veladas. Como acontece em tantas outras obras suas, encontramos aqui observações que se referem à sua condição de preso, vítima da injustiça e da maldade dos

6. Jean COLOMÈS, *Le dialogue «Hospital das Letras» de D. Francisco Manuel de Melo*, Paris, FCG, 1970, 96-97.

homens. Logo nas páginas iniciais da narrativa, ao relatar a prisão de S. Francisco pelos perosinos, comenta: «Quando los malos se sueltan, presos gemirán los Franciscos» (p. 4), identificando assim, mediante a identidade do nome, a sua situação com a do santo, ambos vítimas da maldade dos seus perseguidores. Mas a esta semelhança contrapõe uma diferença – a duração da prisão de cada um deles: «Duró en prision un año (eran aquella edad, parece, más humanos los hierros de los contrarios, que agora los de los amigos)». Mal poderia imaginar D. Francisco, então com dois anos de prisão, que esta situação se iria prolongar ainda por muitos anos... Se neste passo a alusão autobiográfica é evidente, noutros momentos do texto as referências à sua dolorosa situação diluem-se em lamentos de carácter geral, o que confere à sua dor, como acontece noutras obras suas, particularmente na poesia, uma dimensão universal. Ao lermos um comentário como este: «O marmoles de los palacios! que duros sois a los pobres! que frios a los desvalidos!» (pp. 30-31), não podemos deixar de sentir, sob a enunciação universalizante, a experiência pessoal de alguém que viveu essa dureza, essa frieza de palácios surdos às suas súplicas e aos seus protestos de inocência.

2. A afirmação de relações de semelhança, se não mesmo de clara imitação, desta obra com a *Vida de San Pablo* de Quevedo tornou-se um lugar-comum da crítica que se tem ocupado da obra de D. Francisco Manuel de Melo. Mas tal afirmação nunca é acompanhada da correspondente demonstração. Melo imitou Quevedo, declara-se. Mas que formas assume essa imitação? E em que aspectos é ela legível?

Antes de tentarmos responder a estas questões, procuremos a génese deste juízo crítico. Como se formou esta crença numa influência directa da *Vida de San Pablo* sobre a biografia do Santo de Assis elaborada por Manuel de Melo? Digamos desde já que o responsável por esta afirmação é o próprio autor português. Com efeito, no final da primeira edição de *El Mayor Pequeño* deparamos com esta «Advertencia» do autor ao leitor⁷.

Estaba ya para estamparse este libro quando de Francia me remetieron con otros uno de la vida y historia de San Pablo, su autor D. Francisco de Quevedo y Villegas, y obra suya postuma (a lo que he entendido) de su vida. Certificote que juntamente me dejó lastimado y vano; lastimado por la relación de sus trabajos, que en el no se disimulan, y por la amistad que yo le he debido; vano porque escribiendo entrambos en un estado, con una misma ocasión y quizá un dolor proprio, nos habemos encontrado de suerte en el decir que he leído en aquel (y deshecho despues) algunos periodos casi enteros deste libro; y aun, si lo confieres, verás como en algo se parecen muchas de sus razones, sino que D. Francisco, como docto, siguió terminos muy escolasticos y que yo he callado o de no atreverme, o de no juzgallos suficientes para un libro vulgar. Hace a la postre una peroración a San Pablo; esta no habia yo escrito, y siguiendo un ejemplo para mi tan agradable, ya que no tenia menos razones, publicas y mias, para hacello, ruegole también agora a mi Santo el patrocinio de mi patria y intercesión a nuestros Reys. De todo te prevengo porque si pensares que es hurto no quiero deberte el perdón ni el alboroto antes de satisfacerte con la verdad; y mientras la confieres, te combido a que aguardes mi Daniel, a cuya historia sagrada y política se apercibe todo lo que cabe en mi discurso. Dios te guarde.

Trata-se de um texto algo surpreendente. De acordo com as declarações apresentadas por Melo, estranhas coincidências fazem com que num texto de Quevedo, que lhe chega às mãos, proveniente de França, só dois anos depois de ter sido impresso em Madrid, encontre não só ideias semelhantes, mas até «algunos periodos casi enteros» iguais aos do livro que acabara de escrever

7. *El Mayor Pequeño. Vida y muerte del Serafín humano Francisco de Assis*. En Lisboa, por Manuel da Silva, año 1647.

e «estaba ya para estamparse». Melo decide suprimir esses períodos iguais; mas permanece, porque essencial e iniludível, todo um conjunto de semelhanças decorrentes da própria gênese de ambas as obras, radicadas numa identidade de situação e conseqüente sofrimento dos dois autores. Por sobre essas semelhanças, que se apresentam motivadas por idêntica e dolorosa experiência, o autor faz pairar apenas ligeiras diferenças estilísticas e vocabulares – o emprego de «terminos muy escolasticos» por Quevedo, vocabulário que Melo considerou inadequado para a sua obra. E a terminar, uma clara confissão de imitação: tendo apreciado a forma como Quevedo encerra a sua obra, com uma peroração a S. Paulo pedindo a protecção do Santo para a sua pátria e o seu rei, resolve adoptar processo idêntico, justificando esta imitação, mais uma vez, com a relação de semelhança que estabelece entre a sua situação e a do autor espanhol.

Porquê todas estas explicações? Para se antecipar a previsíveis reacções dos leitores e prevenir-se contra a acusação de «furto» do texto de Quevedo, atitude que pressupõe a consciência de que as semelhanças entre as duas obras seriam óbvias.

Mais tarde, na «Epístola a los lectores» anteposta ao «Tercer Coro de las Musas» das *Obras Métricas* (1665), é Fr. André de Cristo [«El Cándido, Académico Generoso»] quem equaciona a questão das semelhanças entre obras dos dois autores, focando especialmente aquele texto justificativo de Melo. Escreve Fr. André:

De esta conformidad, pues, de humores y comunicaciones habemos visto que tuvieron causa algunas similitudes como en sus papeles se encuentran, las cuales, deseando el Melodino prevenir a todos, salió con aquella advertencia que habrás leído en la primera edición de su *Mayor Pequeño* donde se escusan muchos lugares parecidos que se confieren en aquel libro del Melodino y en el *San Pablo* de Quevedo, habiendose estampado casi juntamente uno en Madrid y otro en Lisboa.

Bernat Vistarini, que destaca este texto, conclui: «Es bastante evidente, y casi declarado por Fray André, que Melo tenía a la vista el *San Pablo* (1644) de Quevedo cuando redactaba su *Mayor Pequeño* (1647)»⁸. Ressalve-se a prudência do «casi» e lamente-se a ausência de demonstração de uma conclusão que, em boa verdade, nos parece não estar contida nas premissas...

Mas, resumindo: Melo afirma que só leu a obra de Quevedo depois de concluída a sua, embora, na sequência dessa leitura, tenha introduzido algumas alterações no seu texto. Fr. André de Cristo, na tentativa de ressaltar a originalidade da obra de Melo, afirma que as duas biografias foram impressas quase ao mesmo tempo (o que é inexacto) e, adoptando a justificação sempre aduzida pelo autor português, atribui as semelhanças entre as obras dos dois autores às semelhanças de humores e de experiências pessoais, bem como às suas relações de amizade. A cronologia da publicação das duas biografias, jogando embora a favor da tese de Vistarini, permite afirmar que Melo *podia ter tido* em mãos a obra de Quevedo ao compor a sua, mas não que *teve de facto*.

Esta questão, que D. Francisco Manuel de Melo parece ter levado muito a peito, pois se lhe refere com frequência – afirmação de uma prestigante proximidade, pessoal e literária, com Quevedo e, simultaneamente, da autonomia das suas criações literárias –, tem levado a crítica moderna a procurar, não só fundamentos para as afirmações de Melo de uma privilegiada relação com Quevedo, mas sobretudo as afinidades filosóficas, morais, políticas, literárias que justificam a aproximação destes dois autores e o cotejo de alguns dos seus textos⁹.

8. Antonio BERNAT VISTARINI, *Francisco Manuel de Melo (1608-1666): textos e contextos del Barroco peninsular*, Palma, Universitat de les Illes Balears, 1992, 80.

9. Sobre as relações, pessoais e literárias de Melo e Quevedo, vd. Jean COLOMÈS, «Sur les relations de D. Francisco

O interesse de Melo pela *Vida de San Pablo* revela-se não só nas declarações atrás referidas, mas também no empenho com que promoveu a sua edição em Lisboa (por Paulo Craesbeeck, 1648), tendo para esse efeito emprestado o seu exemplar ao editor e escrito o texto em que este dedica a obra a D. Francisco de Faro, conde de Odemira¹⁰. Empenho e declarações que estabeleceram entre *El Mayor Pequeño* e *Vida de San Pablo* uma ligação inquestionável. Mas estão por demonstrar, creio, as afinidades literárias que ligam as duas obras¹¹, mesmo em autores que, como Vistarini, apontam a «enorme impregnación estilística» que o texto de Melo apresenta em relação ao de Quevedo.

3. No cotejo dos dois textos, deixemos de lado as características comuns decorrentes do género em que ambas se filiam – vidas de santos, com função exemplar e panegírica, vertidas em processos narrativos e estilísticos já consagrados. Destaquemos antes a idêntica organização discursiva dos dois textos, que combinam narrativa e comentário, abandonando com frequência os autores a função de narradores para incluírem observações subjectivas, relacionadas não só com o narrado, mas também com outras questões directa ou indirectamente a ele ligadas; questões relacionadas sempre, no entanto, com o seu universo pessoal – mental e histórico. Tendo referido já a forma como esta linha de comentário se entrelaça estreitamente com a linha narrativa no texto de Melo, será de notar o modo algo diferente como Quevedo procede a esta combinação. Em vez da contínua alternância entre curta narrativa e comentário breve, Quevedo opta por menos frequentes interrupções da narrativa, espalhando-se então em relativamente longos comentários sobre assuntos que mais despertam o seu interesse.

E o tipo de comentário mais relevante é o de natureza política. Valentina Nider, investigadora italiana que estudou e editou esta obra de Quevedo, compara-a com *La política de Dios*, fazendo notar como o autor interpreta a vida de S. Paulo à luz do confronto com S. Pedro, referido na II Epístola aos Gálatas, e como em ambas as obras sujeita este episódio a uma idêntica interpretação política¹². Ao longo da *Vida de San Pablo* são múltiplas as considerações sobre a arte de governar, sobre a natureza do poder real e os deveres dos súbditos para com o soberano; proliferam as sentenças sobre as obrigações dos ministros, com relevo especial para a figura do valido; e até a actuação dos pregadores é focada em perspectiva política, condenando a actividade parenética que desrespeite a autoridade régia criticando-a publicamente. Assim este texto hagiográfico se desdobra em veículo de ideias políticas (até que ponto condicionadas pelas circunstâncias autobiográficas?) do autor, repetindo ou reelaborando posições assumidas em textos anteriores¹³.

Manuel de Melo avec Quevedo», Separata de *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. II, Paris, FCG, 1970; Charles CUTLER, *Dom Francisco Manuel de Melo and Francisco de Quevedo: a Study in Litterary Affinity*, University of Michigan, 1971; Idem., «Melo and Quevedo's views of each other's writings in the *Hospital das Letras*», *Annali dell'Istituto Universitario Orientale di Napoli*, XVI, vol. 1 (1974), 5-20; Antonio BERNAT VISTARINI, *Francisco Manuel de Melo*, cit.

10. Este volume que pertenceu a D. Francisco Manuel, e que tem a declaração de pertença, encontra-se na Biblioteca Nacional de Madrid. Da edição lisboense de 1648, que Astrana Marin classifica de muito rara, existem vários exemplares na Biblioteca Nacional de Lisboa.

11. Ter-se-á ocupado deste assunto Charles CUTLER na sua obra *D. Francisco Manuel de Melo and Francisco de Quevedo: a Study in Litterary Affinity* (University of Michigan, 1971), obra que não tive possibilidade de consultar?

12. Francisco de QUEVEDO Y VILLEGAS, *La caída para levantarse, el ciego para dar vista, el montante de la Iglesia en la vida de San Pablo Apóstol* (Studio, edizione, note, index locorum a cura di Valentina Nider), Pisa, Giardini Editori, 1994.

13. Acerca das ideias políticas de Quevedo vd. José ANTONIO MARAVALL, «Sobre el pensamiento social e politico de Quevedo (una revisión)», em Victor GARCÍA DE LA CONCHA (ed.), *Homenaje a Quevedo. Actas de la II Academia Literaria Renacentista*, Universidad de Salamanca, 1982, 69-131.

Também o comentário de cunho autobiográfico ocorre com alguma frequência. No texto da dedicatória («Al Ex^{mo} Señor D. Juan Chumacero Carrillo y Sotomayor, Presidente de Castilla») relata Quevedo o seu encarceramento no convento de San Marcos de León, lugar onde se situa a escrita da obra. Depois, ao longo do texto, e sempre que são narradas prisões de S. Paulo, vão surgindo observações que têm de ser lidas à luz da situação biográfica do autor e da sua intenção de estabelecer uma relação de analogia com a biografia do Apóstolo, criando, como escreve Valentina Nider, «uma instância de promoção pessoal»¹⁴, de defesa da sua inocência. Citando apenas um exemplo: «El Apóstol nos enseña que para entrar en la cárcel no es menester culpa, y que para salir no basta el no tenerla»¹⁵.

Assim, nesta obra de Quevedo, tal como na de D. Francisco Manuel de Melo, o discurso hagiográfico é permeado pelo autobiográfico e o político, numa simbiose que Diogo Ramada Curto considera processo característico do discurso político seiscentista peninsular, exemplificando-o precisamente com estas duas hagiografias¹⁶.

Perante os factos a narrar e as fontes utilizadas para essa narrativa, a atitude dos dois autores é semelhante. Ambos escolhem como fonte um texto fundamental que seguem com bastante fidelidade. Já referimos a forma como Melo utiliza e trabalha o texto de Fr. Marcos de Lisboa. Quevedo procede de forma idêntica em relação à fonte principal da sua narrativa, o texto dos *Actos dos Apóstolos*¹⁷, que traduz, glosa, parafraseia, num trabalho que críticos como Fernando Lázaro Carreter e Cláudio Guillén consideram típico da escrita quevediana¹⁸. Mas uma outra semelhança se impõe no modo como ambos os autores trabalham a matéria narrativa, submetendo-a a uma interpretação de natureza alegórica. Ambos procuram, para além dos factos narrados, o mistério que lhes subjaz, isto é, o seu sentido profundo, só acessível à exegese de espíritos agudos. Estamos em pleno universo conceptista, e o vocábulo *mistério*, que ocorre com notável frequência em ambos os textos, tem aqui exactamente o mesmo sentido que no tratado de Gracián *Agudeza y arte de ingenio*.

Esta inserção das duas obras no universo estético-literário do barroco é o principal factor explicativo das semelhanças retórico-estilísticas existentes entre elas. Semelhanças legíveis logo nos respectivos títulos, marcados pelo recurso à associação paradoxal de termos antitéticos¹⁹: *La caída para levantarse, el ciego para dar vista* (Quevedo); *El Mayor Pequeño, el Serafín humano* (Melo). E ao longo de ambos os textos a presença de metáforas conceituosas, o recurso ao panegírico hiperbólico, a amplificação discursiva, revelam a sua filiação na mesma poética de valorização da palavra e de gosto do extremado. Mas, para além do comum recurso a processos retóricos que constituem factor relevante da caracterização da poética barroca, torna-se também evidente a diferença entre a sobriedade com que tais processos são utilizados no texto de Quevedo e a sua exuberante e excessiva presença no de Melo. Poderá o percurso literário individual de cada um dos autores justificar esta diferença? Quevedo escreve já no final da vida, e o *San Pablo* é um marco

14. *La caída para levantarse*, ed. V. Nider, 21.

15. *La caída para levantarse*, ed. V. Nider, 252.

16. Diogo Ramada CURTO, *O discurso político em Portugal (1600-1650)*, Lisboa, Projecto Universidade Aberta, 1988, 149-150.

17. Outras fontes da obra de Quevedo são apontadas por Valentina Nider, ed. de *La caída para levantarse*, 44-59.

18. Cf. F. LÁZARO CARRETER, «Quevedo: la invención por la palabra», em *Homenaje a Quevedo*, 9-24; Cláudio GUILLÉN, «Quevedo y el concepto retórico de literatura», *ib.*, 483-506, posteriormente publicado em *El primer Siglo de Oro. Estudios sobre géneros y modelos*, Barcelona, Crítica, 1988, 235-267.

19. Arnold ROTHE estuda os títulos das obras de Quevedo, a sua natureza retórica e função publicitária, no artigo «Quevedo frente al título literario», em *Homenaje a Quevedo*, Universidad de Salamanca, 1982, 455-473.

terminal na sua copiosa e multifacetada produção literária. Ao contrário de D. Francisco Manuel, que escreve *El Mayor Pequeño* ainda numa primeira fase do seu percurso biográfico-literário, marcada por uma concepção aristocrática da literatura como arte reservada a espíritos privilegiados; e assim resolve verter a sua devoção ao Santo de Assis em complexos jogos retóricos que não excluem sequer abundantes alusões mitológicas.

4. Em conclusão: Se é certo que não podemos levar à letra as explicações de D. Francisco Manuel de Melo acerca das coincidências textuais entre a sua obra e a de Quevedo, temos contudo o seu próprio testemunho de que retocou o seu texto depois de ler a *Vida de San Pablo*. E, embora se refira apenas concretamente à supressão de períodos quase iguais e ao aditamento da peroração, abre um vasto campo de hipóteses de aproveitamento do texto de Quevedo. Mas apenas hipóteses, não certezas...

Certezas são as que resultam do cotejo entre as duas obras. E a partir daí podemos afirmar evidentes semelhanças entre elas. Semelhanças na estrutura discursiva que combina narrativa e comentário e entretece o discurso hagiográfico com reflexões pessoais; semelhanças no assumir de um discurso político de carácter nacionalista (mas aqui os dois autores estavam em lados opostos da barricada...), embora de forma mais destacada em Quevedo; semelhanças nas referências autobiográficas suportadas por idênticas circunstâncias de produção das duas obras e por um comum intento de criar uma imagem pessoal de «sábio devoto que sofre a injustiça com paciência cristã»²⁰; semelhanças estilísticas, decorrentes de uma poética epocal em que, de forma mais ou menos polémica, ambos se revêem²¹.

Mas não podemos menosprezar as diferenças. Quevedo apresenta a sua obra como um tratado teológico, ético e político, e como tal dedica amplo espaço à exposição e debate de questões tanto de filosofia política como de exegese bíblica. Melo propõe-se essencialmente escrever uma biografia panegírica do seu Santo²², pondo ao serviço da sua devoção um trabalho literário que se compraz na sua dimensão estética e na sua função deleitosa.

Ambos exaltam necessariamente o santo biografado. Mas enquanto Quevedo se mantém numa sobriedade estilística que chega a recorrer à elipse como forma de panegírico, Melo acumula maravilhas factuais e artifícios retóricos. Afinal, embora confessando dívidas para com o mestre, o seu texto não pretende ser um tratado vertido «en terminos muy escolasticos» como o de Quevedo, mas tão só um «elogio»: um texto em que se espelha o devoto de S. Francisco, mas sobretudo o artista das letras.

20. Pablo JAURALDE POU, «Obras de Quevedo en la prisión de San Marcos», *Hispanic Review*, vol. 50 (1982), 159-171. O autor faz esta observação a propósito das obras de devoção escritas por Quevedo em San Marcos, mas ela é igualmente aplicável a D. Francisco Manuel.

21. Uma obra como a de Maxime CHEVALIER, *Quevedo y su tiempo: la agudeza verbal* (Barcelona, Editorial Crítica, 1992) não nos dá, apesar do título, uma visão da diversidade de facetas que essa poética epocal assume, mas ocupa-se apenas do que poderíamos chamar agudeza jocosa.

22. O Professor José Adriano de Carvalho admite a hipótese de que esta biografia panegírica de S. Francisco, dedicada à Província da Arrábida, tivesse também como objectivo tentar apaziguar as discórdias que por aqueles anos dividiam os frades arrábidos, colocando-lhes perante os olhos, de forma impressiva, as lições, os exemplos, o ideal do fundador da sua Ordem. (Sobre os conflitos entre arrábidos nos anos de 1646 a 1654 vd. Fr. JOSÉ DE JESUS MARIA, *Crónica da Província de Santa Maria da Arrábida*, tomo II, Lisboa, 1737, 247-295).